



O CONVENTO DE S. PAULO.

Este convento que foi edificado, por assim dizer, em tempo de D. João I, está situado na melhor parte da serra de S. Gens no baixo da de S. Cornelio.

Foi o papa Gregorio XIII que approvou a religião de S. Paulo, eremita.

Em 1435, reinando D. Duarte, ainda as obras do convento continuavam, e por isso se suppõe, com bom fundamento, que os religiosos, tendo conseguido a approvação da sua religião, e havendo crescido em numero, trataram de alargar o que até então apenas fôra um eremiterio.

Vê-se da estampa que apresentamos, e que é copia fiel, que o convento de S. Paulo é uma fabrica sumptuosa e de bella architectura.

FLORENÇA.

ROMANCE OU HISTORIA?

VI

Florença fallou n'estes termos:

— Não sou portugueza, como sabe; vivia na obscuridade, mas em paz, desfructando os carinhos de uma familia que me estremecia, quando o destino ou o acaso levou á nossa pobre morada aquelle manco serio, probo e talentoso, que tanta honra fazia ao seu paiz. Amei-o: desposámo-nos; e acompañei-o com prazer a Portugal, apesar das lagrimas de inconsolaveis parentes. Deus abençoou a nossa

união concedendo-nos um filho, que, se não é cegueira de mãe, possuia todas as qualidades para vir a ser um homem digno de seu pae.

«Alguns annos da vida correram para mim, se não felizes, porque meu marido soffria sempre, ao menos com o socego da paz domestica, e com a tranquillidade de uma consciencia sem mancha. Porém o mal de Guilherme aggravou-se, tornou-se incuravel, e finalmente levou-o á sepultura no verdor dos annos, quando um futuro de gloria se abria ante elle... Ainda me lembro que um jornal de Lisboa disse, fallando do seu enterro:

«Grande numero de amigos, discipulos e admiradores acompanharam, a pé, o seu cadaver até á sepultura; e esse prestito respeitoso e triste mostrou á cidade que uma lamentavel perda devia chorar o paiz. Perto da sepultura, que lhe guarda os restos, todos choraram pelo homem que, tão novo, morrera...»

E as lagrimas embargaram-lhe a voz um momento; depois, com exaltação febril, exclamou:

— E para que serviram esses amigos, discipulos e admiradores, exceptuando Carlos; lembraram-se acaso da sua viuva e do seu filho?... Um d'elles (não sei se assistiu ao funeral)... um d'elles, que chegou a um cargo eminente, e a quem o bom Carlos me recommendou com insistencia... propoz-me um contrato infame — o meu corpo pela sua protecção!

E Florença extenuada de forças, descaiu a cabeça sobre o travesseiro.

Um momento depois ergueu meio corpo, e disse:

— Oh! mas esse hade tremer quando souber da minha morte!...

Apoz breve pausa, continuou:

— Lembrou-me então o suicidio pela primeira vez... porém tinha um filho, que ficava sem amparo. Não tardou muito tempo que um velho cynico me viesse propor identico contrato... Tive então uma lembrança infernal! Respondi que accetava, mediante uma condição: que a meu filho seria garantida, por escriptura publica, toda a despeza de uma solida educação, e que até á idade de vinte e cinco annos se lhe daria uma pensão pouco avultada... Feita a escriptura, ficava livre para me suicidar.

«O cynico não accetou; parece que adivinhava a perda do seu capital n'esta negociação.

«Resolvi-me a tentar a vida de actriz, porém não em Lisboa, aonde era conhecida da melhor sociedade. Vendi as poucas joias que possuia, e reunindo algum dinheiro embarquei para Pernambuco, aonde não pude escripturar-me; d'ali passei a Sergipe, e succedeu-me o mesmo; finalmente cheguei á esta cidade, ainda com as mesmas idéas. Consegui no theatro da Bahia, que me admittissem a ensaios; mas posto que falle soffrivelmente a lingua portugueza, entenderam que a minha pronuncia estrangeira era incompativel com a scena.

«Offerlas de homens vis tive muitas, mas nunca accetei até hoje a menor coisa senão de um homem que amei, de um homem em cujo peito pulsava um coração nobre.

«Commetterá um erro, mas não uma infamia!

VII

Tendo esgotado um copo de certa bebida calmante, que o medico lhe deixara á cabeceira do leito, Florença proseguiu, cada vez com voz mais fraca:

— Eis o estado a que me reduziu a infamia dos homens, e a ingratição da patria de Guilherme. Nem uma fatia de pão deram á sua viuva, e ella, collocada entre a vergonha e a morte, escolheu o segundo trilha. Ah! Guilherme! Guilherme! Se podeses resuscitar, e soubesses que affrontas, que baldões soffreu a tua querida Florença!... Porém tu mesmo não viveste quasi na miseria a maior parte da vida, quando trabalhavas, e eras conhecido por uma das mais poderosas intelligencias do paiz?...

De repente os seus olhos perderam o pouco brilho que lhes restava; e em voz fraquissima, no tom funebre de uma oração de finados, Florença recitou uns versos, que eu já vira impressos.

Eram estes:

«Pobre morreu, sem honras e sem premios:
Que honras, premios aqui dão-se ao covarde,
Que os brios vende n'esse vil mercado,

Onde homens sem nobreza,
Sem virtude e sem pejo, essa que lhe arde
Negra ambição no esp'rito, buscam nescios
Nutrir co'a sombra de fallaz grandezza:

Honras, premios aqui dão-se ao malvado
Que se compraz na usura.

Da patria ao servidor, cujo talento
Na amplidão do saber ha penetrado,
Dá-se na vida amargo esquecimento,
Dá-se na morte humilde sepultura.»

E acabando de dizer, como se fôra o ultimo canto de um cysne, pendeu-lhe a cabeça para o peito, e expirou!.....

VIII

— Na casa não se encontrou mais do que o leito em que falleceu, e alguns batus, sobre um dos quaes estava a triste declaração, que eu copieei á pressa.

Eil-a aqui:

«Vou matar-me voluntariamente, e depois de madura reflexão. Não me suicido por effeito de affecção mental, como se diz que succede sempre em taes casos; acabo com a vida, porque para mim só ha hoje uma estrada a seguir — a do vicio e da vergonha. Não quero; não a trilharei.

«Como posso eu continuar a viver? Sem recursos pecuniarios, sem amigos, sem parentes, sem protectores... d'estes, sim, encontro, mas exigem que lhes satisfaça os caprichos antes de se mostrarem generosos!

«Como heide viver? Quando os meus pretendentes dizem sem pejo que uma mulher *interessante* como eu, não deve prescindir de ter um amante. Como supportar uma existencia assim? Antes a morte mil vezes!

«Tenho dito ha muito tempo, tenho dito sempre, que preferia a morte á vergonha de sentir-me dependente de um homem que eu não amasse. Quero morrer com os meus erros, mas sem infamia. Uma mulher, como eu, quebra mas não dobra — como o aço que se parte e não verga!

«Quero sumir-me na sepultura, antes que venham esses homens infames, aproveitando-se da minha indigencia, propor á mulher desgraçada uma hora de prazer para elles... uma hora de infernal tortura para mim!

«Oh! não! nunca!...

«Ainda hoje, esta ultima affronta me patenteou toda a fealdade da alma de homens mesquinhos e torpes, que não tendo vergonha de me requestarem, allegam o seu estado de casados quando se trata de me acudir com alguns bilhetes do Thesouro, n'uma hora de afflicção!

«Oh! o mundo é mau, muito mau! E sou feliz em achar-me com o meu ultimo amigo, que é o veneno. Este não me faltará.... Estreito-o na mão, amigo fiel! Sinto prazer em apertal-o contra o peito, por que n'uma hora ou em duas me dará descanso!

«Amanhã já estarei descansada... eu! Mas um homem haverá que de certo se sentirá tremer quando souber da minha morte.

«Viver! para que? para soffrer?... Ha muito que soffro; ha muito que combato esta idéa de suicidio; ha muito que o desalento se apoderou de mim: vivia mais pelos principios do christianismo, do que por gosto da vida; porém esta ultima decepção, mostrou-me a impossibilidade de continuar a viver... Não posso supportar mais pesares... É necessario concluir... Conclua-se!»

IX

— Então que lhe parece a historia? perguntou o senhor Valente, quando eu acabei de ler o testamento moral de Florença.

— É um romance tenebroso! Respondi eu, algum tanto preocupado; e continuei, como se fallasse só comigo: — Succede d'isto tantas vezes! Mas essas grandes tragedias passam desapercibidas quasi sempre. Se Florença não fosse uma heroína — muito superior a Lucrecia, no meu entender — se não tivesse escripto essas pungentes linhas na hora da agonia, ninguem fallava em tal. Que importava ao mundo

que morresse no hemispherio do sul *madame Durand*? Quem se lembrava que era esse o nome de familia da pobre viuva de Guilherme?... Talvez mesmo a desditosa Florença não tivesse na hora da agonia essa lucida vista, que atravessa o espaço e os tempos, attribuida aos moribundos, e que se enganasse assegurando que um homem tremeria quando lhe constasse a sua morte!

— Carlos deve saber o nome d'esse homem, pois que foi elle que lhe recommendou Florença.

— Carlos já não vive. Vegeta. Uma intelligencia superior, como a d'elle, reduzida á inactividade!... um homem de talento vastissimo que não pode escrever, nem ler, nem fallar! Se lhe fossemos contar como Florença se suicidou, e perguntar-lhe pelo nome do seu assassino, era capaz de nos morrer nos braços!

— É verdade... E contudo, o nome d'aquelle homem devia ser exposto á execração publica. Carlos é victima d'elle como Florença!...

— Será possivel?

— Antes de procurar a sua casa, tratei de saber novas de Carlos, a quem primeiro queria narrar esta historia; e fui informado que adoeceu gravemente pouco depois da morte de Guilherme... enfermidade tal, que nunca mais d'ella se restabeleceu, e que o levou ao estado apathico em que se acha.

— Porém isso nada prova...

— Mas ha uma circumstancia que prova tudo. É que elle tem visto, com os olhos enxutos, finar-se seu pae, sua mãe, e um irmão... e que se suffoca quando lhe fallam em Guilherme e Florença.

— Esse segredo, já agora, baixará com elle á sepultura. Paz ás cinzas dos mortos, e perdão para o vivo, que ainda tem tempo de arrepende-se.

X

O senhor Valente despediu-se, promettendo voltar d'ahi a dias, para tratarmos de outros assumptos. E eu, pondo de parte o romance historico em que tencionava trabalhar, comecei a escrever a FLORENÇA, e não levantei mão da obra, até se concluir como o leitor acaba de ver.

Agosto, 2, 1856.

F. M. BORDALO.

LUCERNA E O MONTE PILATOS.

Conclusão.

— Como ia dizendo (procedendo em sua narração o barqueiro), é sabido que o judeu errante passou por Vienna do Delphinado; então os cidadãos lhe descobriram que os livrasse d'aquella praga de heréticos e aturados vendavaes, e como condescendeu, os homens agradecidos lhe quizeram dar de jantar; mas, não podendo, segundo sabeis, demorar-se mais de cinco minutos em qualquer sitio, e não se podendo conversar com os burguezes de Vienna, baixou ao rio-dano, atirou-se á agua, e voltou ao cabo de um instante, carregado Poncio Pilatos ás costas: os burguezes o acompanharam ainda algum tempo bemdizendo-o; porém, sendo a velocidade d'elle muito accelerada, deixaram-no obra de duas leguas da cidade, dizendo-lhe que se lhe viessem a faltar os cobres lhe arranjariam um pensão.

«O judeu errante agradeceu e seguiu jornada,

muito atrapalhado a respeito do que faria do seu antigo conhecimento Poncio Pilatos. Deu volta ao redor do mundo, pensando onde o poria, e sem achar sitio accommodado, porque em toda a parte podia renovar as desgraças que já tinha causado, até que porfim galgando a montanha que além vêjes, e n'esse tempo se chamava Fracmont, assentou que tinha ali acabado a contenda, e de facto, lá quasi no cimo, n'um deserto medonho, sobre leito de penedos, espria-se um lagosinho que não sustenta creatura viva; que não tem juncos nem caniços á borda d'agua, nem arvores nos arredores. O judeu errante trepou ao alto do Eset, que acolá se avista, e é o mais agudo dos tres picos, d'onde em tempo claro se divisa a sé de Strasburgo; d'ahi arremessou ao lago o corpo do excommungado Poncio Pilatos. Foi o caso que no mesmo instante ouviu-se em Lucerna um alarido a que ninguem estava afeito: parecia que os leões todos da Africa, todos os ursos da Siberia, todos os lobos da Selva Negra, rugiam na montanha. Desde esse dia as nuvens que de ordinario passavam por cima da cabeça do monte, estacaram ali; acudiam de toda a parte do ceo como se estivessem ajustadas, e porfim de contos vieram todas as borrascas desabar no Fracmont, deixando socegado o resto do paiz. E d'isso nasceu o rifão que dizreis: — «quando Pilatos põe o seu barrete, fará tempo bom e sereno.»

— Não ha duvida, é coisa certa; apraz-me muito mais esta historia do que a que eu sabia e tinha por verdadeira.

— Pois olhe que o que eu digo é a verdade pura; mas o senhor parece que...

— Qual parece nem meio parece; não duvido.

— De outro modo seria escusado continuar.

— Desejo saber o resto; e palavra de honra que acredito.

O barqueiro atou logo o fio do seu conto, dizendo:

— Duraram as coisas assim um milheiro de annos pouco mais ou menos; Poncio Pilatos continuava a fazer das suas; porém, como a montanha dista tres ou quatro leguas da cidade, não havia inconveniente e deixavam-n'o barafustar. Tamsómente, quando algum paisano ou paisana se afoitava na montanha, sem achar-se no estado de graça, era lambido; Poncio Pilatos deitava-lhe o gadanho, e adeus, boas tardes.

«Final, n'um dia, era quando começavam os protestantes, em 1525 ou 30, não me lembra o anno, um irmão rosa-cruz, de nação hespanhol, que voltava de visitar a Terra Santa e andava em cata de aventuras, ouviu falar de Poncio Pilatos, e veio a Lucerna com intento de fazer chegar ao rego aquelle gentio: pediu ao magistrado que o deixasse tentar a empresa, e como a todos agradava a proposta, acci-tou-se de elle. Na vespera do dia marcado para a partida, o rosa-cruz (*) commungou, passou a noite em oração, e na primeira sexta feira do mez de maio de 1531, agora me recordo do anno, tomou o caminho da montanha, tendo acompanhado por todo o povo da cidade até Stenibach, que é aquelle logarejo á nossa direita, que já passámos; alguns mais atrevidos foram até Nergiswil; mas ahi o cavalleiro foi abandonado por todos, e seguiu para diante sozinho e sem outra arma além da sua espada.

(*) Denominação de uma seita que pretendia iniciar-se nos mysterios da natureza e possuir importantes segredos. Aqui é citada por um homem que se figura rustico e credulo.

«Apenas poz pé na montanha achou uma torrente furiosa que lhe cortava o caminho, sondou-a com um ramo de arvore e viu que era tão funda que não podia passar-se a vau; procurou aberta por toda a parte e não a achou; então, confiando em Deus, fez sua oração, resolvido a metter-se á corrente a todo o transe; tendo acabado a resa levantou a cabeça e olhou de novo para o obstaculo que o detivera; uma ponte magnifica estava lançada de uma á outra beira; bem viu o cavalleiro que a mão do Senhor a tinha construido e avançou com a maior afoiteza; apenas tinha dado alguns passos na outra margem, virou-se para ver segunda vez a obra milagrosa, a ponte tinha desaparecido.

«Uma legua mais adiante quando se mettia n'um desfiladeiro estreito e ingreme que levava até á chapa da do monte em que está o lago, ouviu um estrondo temeroso por cima da cabeça; no mesmo momento parecia que se abalava o immenso penedo e viu que rolava em direitura a elle com a ligeireza do raio, uma enorme massa de neve que enchia toda aquella garganta aos saltos como uma caxoeira: o rosa-cruz não teve mais tempo do que pôr um joelho em terra e dizer: — «meu Deus e Senhor tende compaixão de mim!» apenas proferiu estas palavras a onda immensa abriu-se em duas na frente d'elle, passando-lhe dos dois lados com uma bulha horrorosa e deixando-o só no meio, á maneira de ilha, foi sumir-se nos abysmos da montanha.

«Ao cabo de tantos trabalhos entrando na chapa da do monte encontrou o ultimo obstaculo e de todos o mais tremendo; era o proprio Pilatos, vestido de guerreiro, tendo na mão por arma um pinheiro despojado da rama, que lhe servia de cacheira.

«O conflicto foi terrivel; e se fordes á montanha lá vereis o sitio onde os dois contendores se encontraram; combateram e lutaram todo o dia e toda a noite, e a rocha conserva o signal dos pés de ambos. Por fim, o campeão de Deus saiu vencedor, e sendo generoso na victoria offereceu a Pilatos uma capitulação que foi aceita: o vencido obrigou-se a estar seis dias da semana tranquillo no seu lago, com a condição que no setimo, que vinha cair á sexta feira, lhe seria permittido fazer tres gyros no mesmo lago em trajo de juiz; e porquanto este tratado foi jurado sobre uma reliquia do Santo Lenho, Pilatos achou-se reduzido a cumpril-o pontinho por pontinho. O vencedor baixou da montanha e não achou *avalanche*, nem torrente, que tudo eram obras do demonio, que, assim como o seu poder, tinham desaparecido.

«Então o conselho de Lucerna tomou uma resolução, que foi prohibir a subida do monte Pilatos nas sextas feiras, porque em taes dias a montanha pertencia áquelle maldito, e o rosa-cruz predissera que todos os que o topassem morreriam dentro d'esse anno. Por espaço de tres seculos guardou-se este preceito; nenhum estrangeiro podia subir ao Pilatos sem permissão, e as licenças eram concedidas pelo magistrado para todos os dias exceptuando as sextas feiras, e em cada uma semana os pastores davam juramento de não guiar lá ninguem no dia prohibido: assim se usou até á guerra dos francezes em 99; de então para cá vae quem quer e quando quer, e por isso tem havido muitos exemplos de que o verdugo de Christo não renunciou os seus direitos.

M.



IMBRINS OU MERGULHÕES DOS MARES GLACIAES.

IMBRINS, MERGULHÕES DOS MARES GLACIAES.

Estas aves pertencem aos generos das palmipedes de pollegar solto ou sem elle, de azas mui curtas, e de pernas situadas inteiramente na parte posterior do corpo, quasi inuteis para andar, em razão do que caminham pouco, voam mal, e muitas vezes nem voam, limitando-se quasi sempre a nadar e mergulhar; por esse motivo tem mais plumagem e mais compacta e lustrosa do que as outras aves, sobretudo as especies proprias dos mares do Norte, que são tambem as mais volumosas em corpo, cuja plumagem do ventre, de um lustre como a prata, serve para guarnições de vestidos e outros enfeites; os mergulhões dos nossos mares são pequenos e tem poupa e colleira negras. Aos mergulhões dá-se o nome generico de *Colymbos*.

A estampa mostra um casal de imbrins: esta ave (*colymbus glacialis*) mal geitosa no vôo e andar, de raro se vê fora d'agua, mas quando se afoita a cortar os ares sobe com suas azas curtas a mui grande altura; é o mergulhão grande das aguas frias nas regiões septentrionaes do globo. Se os gelos de lá o expulsam, baixa o imbrim ás bahias e golphos de cristal do Spitzberg, da Groenlandia, das retalhadas costas da Laponia e dos escolhos da Islandia: invernos demasiado rigorosos o impellem ás vezes até ás praias meridionaes da Inglaterra, e já se deu caso de se adiantar até os pantanos da Picardia. Costuma esconder o seu ninho chato e fabricado de hervas seccas entre as espadanas e juncos das ilhotas espalhadas nas aguas brandas e frescas dos lagos e albufeiras do Norte.

Cada casal habita separado, e occulta-se tão habilmente a quaesquer pesquisas que por muito tempo a credulidade suppoz que passava o choco no fundo do mar, ou que nadando á superficie sustinha debaixo das azas em duas cavidades que ellas cobrem seus dois grandes ovos, de côr parda azeitonada com alguns salpicos mais escuros.

Um trilho marcado na herva pelas frequentes idas e vindas da ave, veiu afinal denunciar ao caçador o ninho tão bem escondido, em cima do qual a fema se acocora de modo que fica sumida no juncal. Se n'este asylo é perturbada, se algum inimigo forte se aproxima muito, o imbrim que não poderia servir-se das pernas collocadas tão atraz que lhe não sustentariam o corpo, vae escorregando aos empuxões com o ventre rasteiro pelo chão, e arrastando-se assim inclinado sempre para diante chega á beira da agua onde se precipita e mergulha. Ajudando-se então das azas, e dos robustos pés perfeitamente palmados, nada rapidamente. «Eu persegui esta ave (diz certo caçador inglez) n'um batel que faziam voar pela agua quatro vigorosos remeiros, sem nunca podermos ganhar-lhe em velocidade, postoque as descargas das nossas espingardas quando apparecia ao de cima a constrangessem a mergulhar constantemente.»

Quando está escondido nas anfractuosidades dos rochedos junto das calhetas onde se descobre em agua baixa a areia do fundo, é que se hade esperar e espreitar o imbrim; frequenta essas angras remotas, tão acirrado na perseguição do peixe miudo, sua preia ordinaria, que por vezes tem caido no anzol ou nas redes da pescaria dos arenques. Quando se atira ao imbrim, cumpre fazer boa pontaria e deixal-o morto; sendo ferido escapa-se e não é provavel tel-o outra vez ao alcance de tiro.

Comtudo n'algumas occasiões se tem apanhado vivos os grandes mergulhões do Norte e então foi possível observal-os de perto e mais á vontade. O naturalista Montagu conservava um n'um tanque e em poucos dias conseguira domestical-o, e tão docil que acudia ao chamado e tomava o sustento na mão do dono. Uma ferida que o privou d'um olho prejudicou-lhe bastante o outro; mas não obstante isso descobria logo o peixe que se atirasse para o lado mais extremo do tanque; na falta do pasto habitual sujeitava-se a comer carne.

Mr. Nuttall de Boston teve tambem em seu poder um imbrim novo, comprado vivo no mercado do sal da bahia de Chelsea, e havia-o transportado para uma pequena lagoa abundante de peixe.

«Este passaro (diz elle) lamentava-se de continuo e procurando sempre evadir-se ia esconder-se na relva, onde ficava calado até ser descoberto, e n'este caso abalava rapidamente para a agua, tornando a gemer novamente. Se alguém se lhe chegava de perto, defendia-se com arrojo, atirando-se encolerizado ao aggressor e trabalhando com o forte bico em forma de adaga. Os seus olhos, de iris vermelho como os dos albinos ou pretos-brancos, não supportavam bem o esplendor diurno; procurava abrigar-se da luz muito viva, e só para a tarde adquiria actividade; a pupilla do olho, como a de todos os animaes nocturnos dilatava-se com facilidade. Mergulhador incansavel, a miudo mettia a cabeça dentro d'agua para espreitar a presa; ia ao fundo onde ficava muitos minutos seguidos, e voltando acima cortava a superficie cristalina como a setta fende os ares. Postoque o meu imbrim afinal se fizesse mais manso e se acostumas-se ás visitas, recaía constantemente nos seus habitos vagabundos; afastava-se coxeando em demanda d'algum retiro mais seguro ou do seu gosto, e antes preferia soffrer a fome do que sujeitar-se á perda da liberdade.»

O passo que mr. Nuttall indica foi causa do nome que o imbrim tem na Laponia, onde lhe chamam *loon*, isto é, coxo. A conformação é admiravelmente adaptada á sua vida aquatica; a cabeça aguçada é mais pequena do que as partes do pescoço proximas d'ella, afim de penetrar na agua mais facilmente; as azas vem muito adiante fora do centro de gravidade, afim de que os quatro membros do movimento, nadando ao mesmo tempo não se estorvem uns aos outros; as coxas muito trazeiras favorecem o balanço de que a ave precisa para mergulhar; as pernas chatas e delgadas como a folha de uma faca cortam agilmente as ondas, ao passo que os pés, como os das demais palmipedes batem e arredam a agua com a circumstancia de se dobrarem com tal flexibilidade que no acto de os lançar o imbrim para avante afim de dar nova remadella fazem-se tão delgados como a canella ou tarso.

Denominado *embergoose* pelos habitantes das Orcades porque excede em tamanho o ganso bravo, tem proximamente quatro palmos desde a ponta do bico á extremidade da cauda. Este bico, preto e lustroso, é forte; a mandibula inferior (segundo Wilson) é formada de duas peças, que unidas por uma membrana elastica e delgada podem afastar-se horizontalmente uma da outra de modo que alarga a guela e permite-lhe tragar alguns peixes maiores. A cabeça e parte superior do pescoço é de um bello preto aveludado, ondeado de verde com reflexos purreos, dois collares de faxas regulares e paralelas alternadamente pretas e brancas enfeitam a dianteira do pescoço e o papo; mais abaixo uma larga li-

ta de preto lustrim com seus cambiantes verdes e violaceos vae confundir-se com a plumagem das costas, que assimilha um rico manto de veludo, matizado de branco em series semi-circulares, sendo a extremidade de cada penna malhada de branco; a parte inferior do corpo é branco de arminho, e a cauda composta de vinte pennas trigueiras como as pontas das azas.

Os povos do norte da Siberia entre o rio de Ob e o Irtyche curtem as pelles do imbrim e preparam-n'as de modo que lhes conservam o frouxel ou penugem; cosidas umas n'outras vendem-n'as para pellicas e barretes quentes e onde nunca entra humidade. Os groelandezes adornam-se, os selvagens da bahia de Hudson toucam-se com as pennas d'imbrim. — Regnard, em sua viagem á Laponia, refere que os indigenas cobriam as cabeças com um capuz feito da pelle do loon (o mergulhão grande) pondo-o de maneira que a cabeça da ave lhe pendia sobre a testa, e as orelhas ficavam tapadas com as azas. Este original toucado prendeu a attenção do poeta viajante.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

De Veneza se passou a Roma com dois companheiros, pedindo esmola de porta em porta; e d'esta cidade, onde foram mui bem recebidos pelo papa, regressaram a Veneza onde se ordenaram de sacerdotes; e repartindo-se depois pelas cidades d'aquelle senhorio, coube a Simão Rodrigues a de Baçam, onde enfermou e o foi encontrar Santo Ignacio que lhe assistiu como caritativo enfermeiro.

Recobrada a saúde se dirigiu a Vincencia onde se demorou até ao fim do anno de 1537, que era o tempo preciso do voto da terra santa.

Mas porque as difficuldades da jornada cada vez se faziam maiores, assentaram os padres em que Santo Ignacio fosse com dois companheiros a Roma a offerecer-se e aos mais ao papa, e que elles entretanto se repartissem ajudando o bem das almas.

Concordado assim, o padre mestre Simão com o seu companheiro foi para a cidade de Ferrara. N'esta foi que disse a sua missa nova para estar mais habilitado para o ministerio que exercitava em beneficio das almas.

Padua teve-o depois em si, e tamanha estima granjeou pela sua edificação entre os paduanos, que muito custou a estes o deixal-o partir quando teve, com todos os mais padres, de acudir a Roma para se entregarem nas mãos do Summo Pontífice.

Para um caso que narram as chronicas de uma contágio que lavrava pela cidade de Sena, escolheu o papa ao nosso padre mestre, e mais outro companheiro por nome Pascasio Broeth, e se diz que a contágio parou.

Nova missão lhe confiou sua santidade, que foi a reforma d'um mosteiro de freiras que viviam esquecidas do que deviam á perfeição do seu estado e á clausura da sua religião, o que conseguia com destreza e grande conformidade.

E porque n'esta cidade havia uma mui celebre Universidade, o nosso portuguez lia n'ella uma li-

ção da sagrada escriptura sobre as epistolas de S. Paulo, para que á conta da curiosidade, com que pretendia aperfeçoar os entendimentos, viesse finalmente a lhes conquistar as vontades dos quvintes.

Foi aqui que lhe sobrevieram umas quartãs, das quaes ainda não estava melhorado quando foi chamado a Roma para a missão das Indias.

Esta breve noticia do nosso compatriota, e a resumida relação das peregrinações em que andava no serviço e desvelo do novo instituto, devotos trabalhos que eram eguaes em todos os nove companheiros de Santo Ignacio, provam a vontade e o zelo com que elles se dedicavam, e a justiça plenamente comprovada com que o papa Paulo III n'aquelle anno de 1540 lhe confirmou a companhia em religião regular e clerical, com os votos de castidade e pobreza que já em Veneza tinham feito nas mãos do legado apostolico Jeronymo Veralo, e com o de obediencia ao que saisse por superior e pae de todos, e o de missões apostolicas onde o Santo Padre os quizesse mandar.

Estes os principaes fundamentos da sua instituição, estes os grandes serviços que no futuro tinham de prestar á christandade.

Tanto que el-rei teve aviso da chegada do padre mestre Simão a Setúbal, lhe enviou um gentil-homem para o acompanhar a Lisboa onde estava a corte.

Vindo que foi, e recebido por D. João III quando se despediu de sua real presença, ordenou el-rei que se lhe desse bom gasalhado; recusando-se o padre mestre a aceitar outro que não fosse o do hospital, e a receber viatico além d'aquelle que pelas portas pedia, pois tal era sua pratica de viver:

Ao hospital de Todos os Santos foi portanto que se recolheu, onde apesar das quartãs de que ainda soffria, continuou prégando, confessando, ajudando aos enfermos, e edificando a todos com raro exemplo.

Eram dois os missionarios que se destinaram a Portugal para as missões da India. Do primeiro já fallámos, e o temos em Portugal alojado no hospital de Todos os Santos em Lisboa. Agora vejamos qual foi o segundo sobre quem recaiu a escolha, e porque motivos não vindo a Portugal, a Providencia destinou que S. Francisco Xavier o substituisse para ser, por excellencia, o Apostolo das Indias.

Fôra o padre Nicolau de Bobadilha, que então se achava na Calabria, o indicado para companheiro de Simão Rodrigues n'aquellas longinquas missões da Asia Oriental.

Acudiu Bobadilha a Roma logo que para isso recebeu o aviso, mas tão fraco dos trabalhos da missão de que vinha, que os medicos julgaram em evidente perigo a sua vida se em tal occasião partisse para Portugal.

O nosso embaixador apertava pelo outro padre que se lhe tinha concedido, e não queria sair de Roma sem elle.

Não era de certo a S. Francisco Xavier que Santo Ignacio consentiria em apartar de si, porque até já lhe servia de seu secretario mais intimo; porém tanto instava o embaixador de Portugal, e tanto promettia ser gloriosa a conquista espiritual da Asia, que finalmente foi resolvida a sua partida para o Oriente.

Communicada ao santo Apostolo das Indias pelo outro santo instituidor da companhia a tenção de o enviar a empresa tão gloriosa, o que teve logar no mez de março de 1540, exhortações e conselhos se escusaram a quem de obediencia já havia feito voto;

e com tanta pressa se deu a cumprir a determinação que nenhuma coisa mudou da velha e pobre roupa com que se cobria, contentando-se com a remendar, e tomar algumas breves horas para dar os últimos abraços a seus irmãos, e se despedir de alguns amigos que tinha em Roma, como diz a Chronica, sendo a primeira visita a Paulo III para lhe beijar o pé, e pedir a benção.

Com o pobre breviario debaixo do braço se partiu no dia seguinte com D. Pedro de Mascarenhas. Mas nem tão illustre companhia o desviava dos seus quotidianos exercicios de devoção, que nas estradas caminhava como se estivesse no mais retirado recolhimento, acudindo com remedio a estranhos, e operando Deus por sua via os milagres de que resam os livros antigos.

A 17 de abril chegou a Lisboa o padre mestre Francisco Xavier, e a caminho se poz do hospital para visitar o seu companheiro, o padre mestre Simão, com a qual visita se diz que este ficou curado das quartãs que o affligiam.

Tres dias deixou el-rei descansar ao recém-chegado, e findos que foram, mandou chamar ambos os padres ao paço, e com elles praticou, e mais a rainha, e mais os infantes sobre os projectos do Oriente, commendando-lhes logo que em quanto tardava o tempo da navegação para a India, tomassem a seu cargo o cuidado dos moços fidalgos que trazia em seu paço para os doutrinar nos bons costumes. Orlandino diz que estes moços eram quasi um cento.

Os padres acceitaram a obrigação, que continuou nos da companhia até ao tempo d'el-rei D. Sebastião.

Tambem S. Francisco Xavier recusou o aposento que se lhe offercia junto ao paço dos Estãos, levantado onde depois esteve o tribunal do Santo Officio, e parte é occupada hoje pelo theatro de D. Maria II, e se foi habitar no hospital,

D'ahi providenciavam ao ensino e criação d'aquelles meninos que el-rei lhes confiara, com o que outros mais acudiram á doutrina, e com elles seus paes e parentes nos exercicios espirituaes.

Volando os dois padres parte da noite em orações e lição dos livros santos, logo pela manhã diziam sua missa, e nas primeiras horas do dia visitavam os doentes que ali tinham tanto á mão, servindo e consolando a todos, procurando-lhes o remedio corporal e espiritual, alliviando com o seu trabalho aos proprios enfermeiros no que mais penoso lhes costuma ser. Empregavam depois as horas no tracto com toda a sorte de gente que se queria ajudar na confissão, no conselho, e no remedio de seus trabalhos. Visitavam os carcereiros, procuravam a liberdade áquelles a quem era possível concedel-a, pregavam, e doutrinavam.

Como a alma se arrebatava ao traçar ingenuamente este sublime quadro das verdadeiras virtudes christãs?

Aqui não são precisas as pompas e as galas de um estylo guindado para fazer crer na excellencia da nossa religião. A sua virtude, infiltrando-se por todas as camadas da sociedade, apura no exemplo d'aquelles que se illustram pela humildade, as máximas sublimes que convertem e santificam.

Nem é possível resistir-lhes quando o ministro d'essa religião se encontra tão abnegado de si que unicamente parece viver para o proximo a quem se sacrifica, para quem são todos os seus desvelos, todos os seus conselhos, todos os thesouros com que a Divindade dotou o espirito do homem christão!

Não é necessaria a tormenta do mar em que o baixel, elevando-se sobre as ondas para se precipitar depois no mais cavado d'ellas, faz acordar na alma do atheu as santas inspirações da infancia, e despertar-lhe ahí o brado intimo da consciencia; não é necessario, dizemos, esse horror da procella para fazer acreditar em Deus, e na excellencia da sua doutrina ensinada por aquelle que revelou ao mundo a sublimidade da creatura humana.

Basta o exemplo do sacerdote, santificado assim na pratica das suas virtudes para acreditar primeiramente na crença tão intima e tão viva que transforma o coração do homem domando-lhe todas as suas paixões, e crer depois n'esse espirito revelador que nos vivifica e que sómente pode ser dimanação de Deus!

Onde não ha horas da noite senão para a maceração da carne afim de que esta se não rebelle contra o espirito; onde não ha horas do dia senão para o affecto de estranhos; onde não ha momento na vida senão para o empregar no zelo do bem alheio, deve de certo haver n'esse magnifico sacerdocio uma chamma vivificante que se transmitta do increado, e que seguindo a sua natureza não possa tambem peccar.

Esta chamma luziu antes de chegar ao Golgotha: porém foi do alto d'este monte que mais brilhantemente se manifestou, e percorrendo desde então atravez as consecutivas gerações que tem habitado todas as partes do mundo, abrange com os raios da sua divina luz a amplidão dos seculos que tem de se nos seguir até á consummação dos tempos.

Esta chamma é o Christianismo!

Chegado o inverno d'aquelle anno de 1540 a corte saiu de Lisboa para Almeirim, e el-rei levou consigo os dois missionarios, aos quaes mandou agasalhar n'umas casas visinhas á horta do paço. Ahí se tratou, por se avisinhar a primavera, da ida dos padres para a sua missão da India, no que eram tão varias e encontradas as opiniões, que a resolução do negocio foi finalmente levada ao conselho d'estado. E por que tambem n'este não houve uma prompta decisão sobre a materia, se bem que pareceu vencer a opinião de que os dois missionarios vindos de Roma ficassem em Portugal, tudo se entregou á decisão de S. Ignacio, que determinou fosse S. Francisco Xavier enviado para a India, e se deixasse ficar em Portugal o padre mestre Simão.

Tomada esta resolução aprestou-se o Santo para tão longa viagem, como se esta se reduzisse a sair de uma para outra terra proxima, pois nem buscou melhores roupas e provisões do que as que habitualmente usava. E por seus companheiros teve ao padre Paulo Camerte, italiano, de quem já acima fallámos, e ao irmão Francisco de Mansias, portuguez.

Ao despedir-se S. Francisco Xavier d'el-rei, foi só n'esse acto que soube a grande mercê que o papa Paulo III, lhe havia feito, nomeando-o seu nuncio apostolico na India, e commissario geral em tudo que fosse necessario para bem e proveito das almas, cujos breves então lhe foram entregues por mão de sua alteza.

Aos 7 de abril de 1541 finalmente se fez de vela do porto de Lisboa, em a nau Santhiago, em que ia tambem o governador Martim Affonso de Sousa, que no governo ia render a D. Estevão da Gama, irmão do conde almirante. E em conserva áquella nau iam mais quatro.

Este foi o principio da missão que tão bons fructos teve n'aquellas remotas paragens.

Aquí em Portugal, porque o padre Simão ficara pelo motivo de se fundar um collegio, dentro em pouco se lhe deu principio. Succedeu vagar o mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, situado junto ao rio Doiro, a tres leguas da cidade de Lamego. Com esta dotação que punha então algumas rendas á disposição do padre mestre Simão, se podia metter hom-bros ao collegio de Coimbra, cidade preferida por terem pouco antes passado para ali as escolas geraes, que estavam em Lisboa, e que foram começo d'essa famosa Universidade que tem sido honra do nosso paiz.

Aquelle mosteiro de Carquere, que se dá fundado pelo conde D. Henrique, em o anno de 1099, é o que se recommenda pelo milagre que a tradição dá succedido com o infante D. Affonso Henriques, que nascera aleijado de ambos os pés, tendo-os tolhidos e pegados pelo calcanhar, e sendo levado pelo seu aio Egas Moniz ao altar da Senhora, que ali existia n'uma arruinada ermida, logo ficara sarado.

Levantado o mosteiro foi doado aos conegos regrantes de S. Agostinho; mas pelo andar dos tempos vindo a ficar deshabitado, se reduziu a abbadia com o titulo de Commendatario. Depois veiu novamente a unir-se ao collegio de Coimbra, por bullas apostolicas. N'aquella occasião o padre mestre Simão trocou-o pela preceptoría ou commenda de S. Antão de Benespera, por preferir ter logar certo em Lisboa onde se tratassem os negocios da fundação do seminario, e acudissem os que tivessem de embarcar para a India.

Para este fim pareceu asado ao padre mestre o mosteiro de Santo Antão o velho, fundado ao pé do castello, da parte do norte, junto á Mouraria, assentado em ladeira, senhoreado de tres montes que são o do referido castello, o de Nossa Senhora da Graça, e da Senhora do Monte; e que n'aquella epoca estava deshabitado. É conhecido hoje pelo nome de Colleginho.

Ha noticia de que esta igreja fóra primeiro mesquita de moiros, purificada no anno de 1496, quando el-rei D. Manuel não permittiu aos judeus e moiros synagogas e mesquitas em Portugal. Consagrou-a ao mysterio da Annunciação e entregou-a primeiro a umas boas mulheres que viviam juntas, e se chamavam beatas da terceira ordem de S. Francisco, mas sem clausura, nem obediencia certa de prelado.

Passados annos resolveu el-rei fundar ali um convento de religiosas de S. Domingos, e para isso impetrou um breve do papa Leão x, em o anno de 1515 e quatro annos depois, no de 1519, o remetteu ao seu confessor o padre mestre fr. Jorge Vogado, então provincial da dita ordem, para determinar o mosteiro segundo os costumes da ordem. Vieram para elle as fundadoras, que foram seis freiras do convento de Jesus d'Aveiro, que chegaram a Lisboa em 12 de novembro de 1519, tomando posse d'aquella casa que seguiu denominando-se da Annunciada!

E porque se descobriu ser aquella vivenda pouco sadia, por ficar muito exposta ao norte, ao cabo de vinte e tres annos trataram as religiosas de se mudar fazendo troca com um convento que estava no valle e estrada que corria da Porta de Santo Antão para Bemfica e Nossa Senhora da Luz. Estava assentado no sitio a que hoje chamamos largo da Annunciada.

Vemos da chronica do padre Telles que quando no anno de 1400 se fundou n'aquella sitio este mosteiro de Santo Antão, ali se chamava a Carreira dos Cavallos, por ser onde se exercitavam n'aquella tem-

po os cavalleiros de Lisboa, Das Portas de Santo Antão, que ainda hoje conservam este nome, até o sitio que se chama a Annunciada, entravam as hortas, e se estendia um campo largo, raso, e comprido. Este nome de Carreira dos Cavallos se lhe dá na escriptura de doação d'aquelle terreno por João de S. Vicente e Lourença Joanna, que diz assim: — «Item, mandamos que n'uma casa com seu territorio e herdade, que temos no logar da Carreira dos Cavallos (que está entre ambos os caminhos, convem a saber um caminho por onde se vae para Bemfica, e outro por onde se vae para a Cotovia) se edifique uma igreja, uma casa, e um hospital da dita ordem etc.»

Esta ordem de Santo Antão foi instituida no anno de 1095, e confirmada pelo papa Gregorio vii. Eram conegos regrantes de Santo Agostinho, cuja regra guardavam. Ao abbade, ou superior, dava-se-lhe o nome de *Preceptor Maximus*: e d'ahi foi que aos seus mosteiros veiu o nome de Préceptorios. Havia passado da França a Hespanha, e d'esta para Portugal, onde a sua principal casa teve assento na provincia da Guarda, e se chamava Santo Antão de Benespera, que acima se disse trocado pelo de Nossa Senhora de Carquere. Já no anno de 1538, em que se approvou a troca do mosteiro com as religiosas da Annunciada, aquella ordem estava muito decaida, e no anno de 1541, nem no referido mosteiro, hoje denominado Colleginho, nem em todo o Portugal existia um unico religioso d'ella.

Mudadas as freiras da Annunciada no anno de 1539, para o sobredito mosteiro de Santo Antão, trouxeram ellas para o novo sitio o nome da invocação do seu convento, e por tal ainda hoje é conhecido o largo onde estão as ruinas da sua clausura; e o nome de Santo Antão passou com os religiosos para o que até ali se denominava Annunciada ao pé do castello. Pelo correr dos tempos, com a introdução da companhia, tambem perdeu este trocando-se pelo de Colleginho. É para notar que a porta da cidade que ia do Rocio para a Annunciada, não perdeu com a mudança o nome de Santo Antão, porque actualmente, apesar de tal porta não existir, ainda é conhecida por elle. Continuou de certo porque sobre a referida porta havia um nicho com a imagem do Santo.

Assim foi que o mosteiro de Santo Antão o velho foi parar a poder da companhia. Em 5 de janeiro de 1542 tomou posse d'elle o padre mestre Simão. Esta residencia foi a primeira casa que a ordem teve no mundo, se bem que alguns escriptores lhe assignam primasia á igreja de Nossa Senhora da Estrada em Roma. Não teve comtudo o titulo de collegio até o anno de 1552; que o primeiro por tal conhecido e denominado foi o de Coimbra, que teve principio tambem em 1542.

Passados dez annos recebeu o mosteiro de Santo Antão o titulo de collegio, nomeando-se-lhe reitor que foi o padre Ignacio de Azevedo, natural do Porto e descendente das mui illustres familias dos Malafaias e Azevedos, que prestaram á patria grandes serviços na restauração do reino por D. João i, na tomada de Ceuta, e outros logares de Africa. Havia entrado na companhia em o collegio de Coimbra no anno de 1547, e foi morto em 1570 á vista do porto da ilha de Palma, que é uma das Canarias, pelo corsario calvinista Jacques Soria, que tomou a nau Sathigo, onde elle ia com mais quarenta religiosos para o Brazil.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.